

As Narrativas Midiáticas como Mediadoras na Experiência Da Peregrinação¹

Míriam Cristina Carlos Silva e Tarcyanie Cajueiro Santos²

Resumo

Discute-se a relação entre narrativas e peregrinação, tendo como eixo de articulação a comunicação e a cultura. O referencial teórico é dado por Baitello Júnior, Flusser, Lotman e Turner. A reflexão recai tanto sobre a peregrinação, a partir da experiência individual, bem como sobre as narrativas que se apoiam neste fenômeno. Pressupõe-se que o crescimento da peregrinação relaciona-se com o contexto cultural no qual narrativas servem como catalizadores de experiências. A peregrinação não é um deslocamento que possui um sentido unívoco, mas uma experiência que ocorre a partir de diferentes universos de significados. Realizou-se um levantamento de narrativas na internet, a partir de agências de turismo religioso e do site da Associação dos Amigos do Caminho de Santiago de Compostela. A análise desse material lança luz sobre as relações entre as peregrinações e as narrativas midiáticas.

Palavras-chave

Comunicação e Cultura; narrativas; peregrinação.

1. Introdução

Com este trabalho objetiva-se discutir a relação entre narrativas e peregrinação, tendo como eixo de articulação a comunicação e a cultura. Para tanto, o texto se divide em dois momentos: o primeiro analisa a narrativa como ato comunicacional, que possui papel de mediação, pois possibilita a representação e a interpretação da experiência cotidiana. O narrar constitui-se como experiência comunicada, a partir da qual o intérprete poderá construir outros significados. O segundo momento, por sua vez, percebe a peregrinação como um fenômeno no qual o acontecimento comunicacional pode emergir. Nesse sentido, esta prática milenar possibilita a “criação de um ambiente comum em que os dois lados participam e extraem de sua participação algo novo, inesperado, que não estava em nenhum

¹ Trabalho apresentado no GP Mídia, Culturas e Tecnologias Digitais na América Latina, no XIV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Míriam Cristina Carlos Silva, doutora em Comunicação e Semiótica, professora titular do Mestrado em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba – UNISO – e líder do grupo de pesquisa em Narrativas Midiáticas (NAMI). Realiza pesquisa sobre Narrativas Midiáticas apoiada pela Fapesp. Tarcyanie Cajueiro Santos é Mestre e Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo, com Pós-Doutorado pela mesma instituição. Professora e pesquisadora do Mestrado em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba - UNISO.

deles, e que altera o estatuto anterior de ambos, apesar de as diferenças individuais se manterem” (MARCONDES FILHO, 2004, p.15).

No que diz respeito à comunicação, autores como Flusser (2007), Lotman (1978) e Baitello Junior (2012) são os principais referenciais teóricos. Flusser define a comunicação como um artifício para dar sentido à solidão da existência humana, assombrada pela certeza da morte. Para Lotman, a cultura é um grande texto, composto de outros textos, que pode ser ampliada para a compreensão da narrativa como um texto da cultura, constituída em um código verbal, não-verbal ou híbrido, cuja finalidade é traduzir a experiência em mensagens, ou seja, realizar a mediação entre um narrador específico, aqui visto como um comunicador, e a audiência. Baitello Junior, por sua vez, critica o pensamento sentado, oriundo da sedentarização do corpo, mídia primária. Ao advogar a importância do movimento, Baitello Junior chama atenção à ancestralidade hominídea, na qual “a vida era cheia de surpresas e descobertas, voltada para o horizonte dos caminhos e das possibilidades do experimentar, perambular, peregrinar, perigar” (2012, p.35).

A comunicação estende-se à cultura, imbricando-se mutuamente. Desta forma, da peregrinação como crítica ao pensamento sentado, entra-se no domínio antropológico dos Turner (1978), que a percebem como um espaço liminar, propiciador da *communitas*. A análise também recai no surgimento de novos fenômenos como: o movimento Nova Era; a secularização do profano; as interfaces entre turismo e religião, em sua relação com as abundantes narrativas dos peregrinos, as novas rotas de peregrinação no Brasil e de agências de viagem, que apontam, sobretudo para a importância da experiência e da transformação de si, que é também buscada pela “reflexibilidade” (GIDDENS, 2002). O discurso se transfere do sagrado como instituição religiosa e passa a ser percebido subjetivamente, porque cada peregrino cria uma história para si, sacralizando o deslocamento enquanto descoberta do eu.

A peregrinação é uma jornada tanto física quanto espiritual. Há nela uma busca que pressupõe um deslocamento e um ritual, por devoção e culto, evocando, assim, viagem a um local desconhecido ou estrangeiro, considerado sagrado. Na contemporaneidade a peregrinação assumiu características distintas, quer pelas facilidades tecnológicas, quer pelas especificidades que levam o peregrino a buscar caminhos na tentativa de encontrar aventura, amizade, história e a si mesmo. Também se trata de um produto a ser consumido, oferecido por agências especializadas. Sua popularização nas sociedades urbanas se relaciona com a difusão midiática de narrativas de peregrinos que relatam a experiência

vivida durante o deslocamento, seja em forma de livros, blogs ou sites de associações, encontrados na internet.

O pressuposto sobre o qual este trabalho se norteia é o de que as narrativas de peregrinação, outrora passadas apenas por relatos orais, através daqueles que realizavam a jornada, ou mobilizadas sob a forma de discursos escritos, produzidos pelas instituições religiosas, disseminam-se atualmente por intermédio de diversas mídias, que transformam esta prática milenar em um campo de disputas de sentidos, com apropriações heterogêneas. Tal fato aponta à importância da narração midiática como a grande mediadora da experiência dos indivíduos, no mundo contemporâneo. O aumento das peregrinações vai de par com a individualização do sagrado e a proliferação de narrativas. Se antigamente o discurso sobre o sagrado cabia à Igreja Católica, hoje, o sagrado se encontra no que era considerado profano, e as narrativas são suportes simbólicos e reflexivos desse fenômeno.

Os resultados apresentados estão baseados no levantamento bibliográfico acerca de narrativas midiáticas e da peregrinação. A literatura enfatizada permeia os textos das áreas da comunicação e da antropologia. Do ponto de vista empírico, utilizando-se o *google*, realizou-se um levantamento na internet de agências de turismo religioso e também o site da Associação dos Amigos do Caminho de Santiago de Compostela. Objetivou-se, com a análise do material, compreender as relações entre as peregrinações da contemporaneidade e as narrativas midiáticas.

2. A narrativa: Uma forma de mediação

A narrativa, como ato comunicacional, possui papel de mediação, pois possibilita a representação e a interpretação da experiência cotidiana. O narrar constitui-se como experiência comunicada, a partir da qual o intérprete poderá construir outros significados.

Resende (2006) afirma que as narrativas tecem saberes sobre o mundo: “Em outras palavras, se há alguma mediação possível, pelo menos em se tratando do campo dos *media*, ela acontece na e através da narrativa” (p. 162). O autor expõe o fato de que as narrativas são formas de representação coletiva, “como práticas comunicativas sociais que definitivamente contribuem, na sociedade mediatizada, para o alargamento dos horizontes de experiência” (p. 163). E prossegue:

O campo dos *media* narra experiências e modos de vida calcados em subjetividades que estão, insistentemente, cravadas na objetividade demandada pela necessária lida com o cotidiano. Ou seja, eles interferem no *status quo* e recriam modos de vida, porque leem e provocam releituras de experiências subjetivas e objetivas e, vale dizer, de forma às vezes tão imperativa que se tornam

o lugar de onde as pessoas retiram o que sabem e o que se dispõem a compreender acerca do cotidiano e da vida (RESENDE, 2006, p. 161).

Portanto, o papel de mediação exercido pelas narrativas vai muito além de apenas fornecer representações sociais possíveis, pois também pode auxiliar na crítica, na revisão e na reinvenção da sociabilidade. Por outro lado, também é possível que as narrativas, ao repetirem clichês e estereótipos, banalizem formas de violência, incitando o conformismo e a vitimização. Além disto, ao narrar, há o intento de se imprimir alguma coerência na matéria indomável do existir.

A contemporaneidade, especialmente nos ambientes urbanos, acompanhada pelo enorme número de tecnologias de comunicação de que se faz uso, caracteriza-se por um caos crescente, amplificando a percepção de entropia da qual fala Flusser (2007), que define a comunicação como um artifício para dar sentido à solidão da existência humana, assombrada pela certeza da morte. Para o filósofo, a comunicação é uma tentativa artificial de organizar a entropia da natureza. Narrar, ao que parece, também se configura como um artifício que pereniza a experiência, seja esta vivida ou inventada. Como abstração, a narrativa consiste também em recortar, portanto, em subtrair aspectos da experiência concreta mediante omissões, ênfases e distorções, mas se trata, sobretudo de um modo de organização discursiva, que visa estruturar o caos, condição da complexidade de se experimentar a existência.

As narrativas constituem-se como um gênero, que se pode apontar não apenas como literário, mas também midiático, já que, independentemente de qual seja o suporte no qual se materialize, propõe um contrato com o fruidor, visto como um leitor-modelo (ECO, 1993), que espera que aquilo que venha a ser narrado atenda a algumas normas estruturadas e estabelecidas convencionalmente.

Uma narrativa supõe um fato a ser relatado, seja este ficcional ou não, mas necessariamente haverá um tempo, um espaço, personagens, um enredo e um narrador. Em uma perspectiva mais ampla, a narrativa pode ser considerada um texto da cultura, independente de seu caráter verbal, visual ou híbrido, utilizando-se a concepção de Lotman (1978), que define o texto como um conjunto organizado de códigos, cuja finalidade é passar uma mensagem. A cultura, para o teórico, é um grande texto, composto de outros textos; um sistema que, em um processo tradutório, reconfigura-se continuamente.

Atualizando-se as ideias de Lotman, entende-se a narrativa como um texto da cultura, podendo ser constituída em um código verbal, não-verbal ou híbrido, cuja

finalidade é traduzir a experiência em mensagens, ou seja, realizar a mediação entre um narrador específico, aqui visto como um comunicador, e a audiência.

Ainda apoiando-se em Lotman, é possível afirmar o narrador também como um texto, por suas características e especificidades, ou seja, por ser necessário que haja uma série de condições para que a audiência identifique naquele que narra o responsável por mediar a experiência. Dentre estas características, destaca-se a necessária credibilidade a ser passada pelo narrador.

Acreditar no narrador, confiar nele, é o primeiro passo para se crer naquilo que é narrado. Desta forma, uma narrativa pode ser caracterizada como um texto complexo, na qual todos os elementos são elementos de sentido (LOTMAN, 1978), pois conjuga necessariamente aquele que conta a história (e que pode ou não participar desta história), o mediador, aquilo que é narrado (a própria narrativa) e o leitor (ou audiência). Já para Janotti Júnior:

(...) os gêneros delimitam as produções de sentido, demarcando a significação e os aspectos ideológicos dos textos, bem como o alcance comercial (e o público-alvo) dos produtos midiáticos. Toda definição de gênero pressupõe uma demarcação negativa e/ou comparativa com outros gêneros, ou seja, analisar um produto midiático através dessa perspectiva pressupõe perceber as relações entre esse produto e outros de diferentes gêneros, compará-lo com expressões canônicas ou similares dentro do mesmo paradigma. Os gêneros são dinâmicos justamente porque respondem a determinadas condições de produção e reconhecimento, indicativos das possibilidades de produção de sentido e de interação entre os modos de produção / circulação / consumo de produtos midiáticos (JANOTTI JUNIOR, 2006, p. 59).

Desta forma, é possível definir-se a narrativa como um gênero midiático, levando-se em conta a materialidade dos meios de comunicação e sua inserção social, pois só há produção de sentido na interação entre sujeitos produtores e receptores.

Janotti Junior propõe que “a configuração de determinados traços estilísticos do gênero em um produto midiático define um processo de produção de sentido e, conseqüentemente, de comunicação que pressupõe regras formais e ritualizações partilhadas por produtores e audiência” (2006, p. 60). Porém, o autor destaca o fato de que “os gêneros são, antes de tudo, modelos (paradigmas) dinâmicos e não fórmulas ossificadas” (JANOTTI JUNIOR, 2006, p. 59).

Ao se deparar com o gênero narrativo e reconhecê-lo, ocorrerá a leitura por parte da audiência. Eco fala a respeito de dois tipos de leitores, o de primeiro nível, “que quer saber muito bem como a história termina” (1994, p. 33), e o de segundo nível, “que se pergunta que tipo de leitor a história deseja que ele se torne e que quer descobrir precisamente como o autor-modelo faz para guiar o leitor” (idem). Acrescenta-se às explicações de Eco o

entendimento de um leitor-modelo de primeiro nível como aquele disposto a obedecer o contrato, a atender ao que é proposto, seguindo as regras do jogo sem maiores sustos: o leitor já prevê os conteúdos e domina as formas que necessitará traduzir, sem um grande esforço. O narrador, neste caso, construirá a narrativa baseando-se também no contrato, disposto a dar ao leitor aquilo que ele quer, o que já conhece, o previsível.

Já o leitor de segundo nível quer ir além e se dispõe a enfrentar um processo de metalinguagem, enredando-se pelo texto e suas amarrações, a fim de desvendá-lo como estratégia comunicacional e de encontrar os mecanismos que remetem às fórmulas conhecidas e aqueles que levam ao novo. Neste caso, tanto narradores quanto leitores estarão menos comprometidos com as fórmulas e mais disponíveis para as rupturas, que poderão não apenas reconfigurar as estruturas narrativas como também possibilitar novas formas de leitura do mundo.

3. Peregrinar para narrar

Pensador dos fenômenos comunicacionais, Baitello Júnior (2012) aponta o movimento, do corpo e do pensamento, como práticas patologizadas pela educação convencional. Para ele, somos incitados a permanecer estáticos, e, ao invés disto, o pensar necessita ser visto como experiência nômade. Se o corpo está assentado, acomodado, o pensamento também tornou-se “um ato sem impulsos, sem saltos, sem prontidão de movimentos, sem vivacidade, mas construído de passagens lógicas e discursividade previsível, comedida e, às vezes mesmo, acomodadas” (BAITELLO JÚNIOR, 2012, p. 17). O autor continua:

Sendo a vida sedentária o estágio civilizatório desejado e alcançado pela sociedade contemporânea, pela cultura racional, letrada e escolarizada, o que se plasma com ela é o decréscimo de mobilidade, não apenas do corpo, mas também do pensar, de sua imprevisibilidade, de sua sempre ativa criatividade e de sua capacidade de ... surpreender (p. 18).

Evita-se o risco, repercutindo-se ideias consagradas, bem como se percorrendo caminhos já conhecidos. Permanece-se sentado enquanto os olhos peregrinam pelas telas, de *site* em *site*, de imagem para outra imagem. Os deslocamentos do cotidiano, em ônibus, automóveis e aviões ainda mantêm os corpos sentados. Para Baitello Júnior, o corpo é forçado a permanecer sentado mais do que se pode aguentar e, ao se resistir, deixa-se de ouvi-lo e à sua necessidade de movimentar-se:

Viver sentado é uma mudança radical de vida, uma negação da inquietude do saltador e do incansável caminhante. Significa assentar e acalmar o andarilho inquieto, sedar a sua necessidade de movimento e sua capacidade de apreender

(que significa agarrar) o que lhe cerca, de explorar curiosamente o mundo, de reagir ao entorno, de saltar de ideia em ideia. Sentados, estamos anestesiados, sedados (p. 21).

Para este diagnóstico, Baitello Júnior (2012) apoia-se em Flusser, que afirma que o ser humano sobreviveu a três grandes catástrofes. A primeira delas foi a hominização, quando o homem, descendo da copa das árvores, torna-se um bípede e necessita andar ereto. A segunda é a passagem do nomadismo para a fixação em aldeias. A terceira fala sobre a fragilidade das casas porosas, por onde entra o vento da comunicação, ou seja, a informação invade todos os espaços da casa onde o homem se encontra sentado. Ele argumenta que “as minúsculas tomadas elétricas não trariam tantos danos se não abrissem compulsivamente, por meio de máquinas de imagens, janelas e mais janelas que nos convidam a espiar o tempo todo, que nos hipnotizam o olhar e paralisam o corpo” (p. 29). Ainda segundo o autor, um dos aspectos mais contundentes deste nomadismo visual, realizado em um espaço nulodimensional, é a não participação ativa do corpo na experiência.

Neste sentido, parece contraditório o enorme fluxo de pessoas que anualmente rumam aos locais de peregrinação. Pode-se pensá-lo como um movimento pontual e excêntrico, que tem por finalidade a ruptura da rotina, do cotidiano, através do movimento e, especialmente, da participação do corpo na experiência, com todos os riscos que isto possa trazer: cansaço, bolhas nos pés, perigos, interações face a face, privações de conforto, sono, fome. A peregrinação traz o corpo para o centro da vivência comunicativa, pois é ele que mediará a busca e o encontro do indivíduo com os outros, mas, sobretudo, consigo mesmo, com suas forças e seus limites. Baitello Júnior expõe o fato de que “a descoberta requer movimento incessante” (p. 34). E continua:

A vida era feita de surpresas e descobertas, voltada para o horizonte dos caminhos e das possibilidades do experimentar, perambular, peregrinar, perigar. A raiz de todos esses verbos, o *per-* indo europeu, com o significado de conduzir, levar, também produz, em grego, “póros” (viagem, passagem) e, em latim, “porto” e “porta” (como abertura, lugar de passagem). Mas há ainda outro sentido para o *per-* indo europeu: tentar e arriscar; dele nascem as palavras perigo e experiência (p. 35).

Além de Baitello (2012), outros autores, como Carneiro (2004), Dupront (1987), Steil (2003), Vilhena (2003), Toniol & Steil (2010) e Miklos (2012), apontam para o caráter *entre* que a peregrinação pressupõe, como uma jornada tanto física quanto espiritual. Há nela uma busca que pressupõe um deslocamento e um ritual, por devoção e culto. Evoca, assim, viagem a um local desconhecido ou estrangeiro, considerado sagrado. Este ritual não

está restrito às religiões, aparecendo em diferentes períodos históricos e em diversas culturas, como a “mítica peregrinação dos guaranis em busca da ‘terra sem males’, no sul do país” (STEIL, 2003, p.77). Trata-se de um fenômeno que traz consigo a ancestralidade primeva, que se enraíza em experiências coletivas e revela “a conservação e atualização de componentes arcaicos forjados na itinerância, nas ondas migratórias que aconteceram nos primórdios da história e ainda hoje se verificam” (VILHENA, 2003, p.13).

Após a travessia, o estrangeiro encontra o outro. Este lugar de passagem rumo ao estrangeiro e, portanto, à alteridade, pressupõe uma volta ao próprio eu, na medida em que o deslocamento propicia uma experiência que se abre para o imponderável, porque desconhecido. Dito com outras palavras, a peregrinação se caracteriza por um duplo movimento: o enfrentamento de adversidades que aparecem durante o deslocamento e a transformação de si, que ocorre com o deslocamento do eu em busca do outro. No primeiro movimento, o peregrino se depara com dificuldades objetivas e por causa disso percebe seu deslocamento como uma jornada heroica. O segundo movimento, por sua vez, diz respeito à interioridade, tendo cunho místico e ascético, porque seu desfecho é um momento de descoberta e transformação que apenas é conseguida por aquele que trilhou todo o percurso. A peregrinação, desta forma, é uma prática secular, que deriva etimologicamente do vocabulário latino *peregrinatio* e quer dizer viagem a lugares santos, ato de peregrinar.

Tão secular quanto a peregrinação, são também os relatos ou narrativas dela originados, multiplicados hoje em sites, blogs e redes sociais pela internet; antes, apenas escritos, agora se compõem com imagens e som e são realizados por peregrinos com os mais diversos intuitos, mas que possuem, em comum, a vontade de mergulhar em uma experiência, a qual não se sabe como definir, mas que é mencionada tanto por aqueles que desejam fazer a jornada, como por aqueles que já a realizaram e também pelos que a oferecem como produto.

Já o peregrino do latim *peregrinus* refere-se àquele que peregrina, mas também ao estranho, estrangeiro. A peregrinação, portanto, etimologicamente está relacionada com o aparecimento do “outro”, do estrangeiro, significando a jornada de uma pessoa a um lugar sagrado, percorrendo caminhos por terras desconhecidas. Outra derivação mais antiga revela que peregrino tem sua raiz em “*per agrum*,” através do campo. (...) A palavra peregrinação evoca assim a marcha ou o caminho, enquanto que o verbo árabe *haji*, utilizado para designar a peregrinação no Islã, tem o sentido de “ir a”. Na Índia, *tértha*, a margem do rio se converteu em um conceito essencial para os peregrinos da mesma maneira que o vocábulo japonês *henso* que se emprega para falar de peregrinação, tem o sentido de caminho (CARNEIRO, 2004, p.76).

Podemos pensar, desta forma, o peregrino como alguém que sai de casa e deixa o conforto do seu lar e do seu modo de vida em busca de um caminho que o levará a um lugar

distante, mas que sobretudo o levará a uma experiência única. Porém, apenas percorrer um caminho não pode ser considerado como peregrinação, pois esta deve ser uma caminhada motivada por um objetivo, definido por aquele que realizará o percurso. *Per agros* sugere um viajante determinado que atravessa os campos em busca do sagrado. Esta busca pelo transcendente na cultura cristã pode ser vista através do surgimento do termo peregrino “na primeira metade do século XIII, para denominar os cristãos que viajavam a Roma ou a Jerusalém, a fim de visitar os lugares sagrados” (MIKLOS, 2012, p. 128).

A saída de casa, a des-familiarização, o estranhamento provocado por se deixar o conforto do conhecido, do lar, provoca um deslocamento do cotidiano, criando um tempo em suspensão, uma ruptura da rotina, propícia para a constituição de narrativas. Ao mesmo tempo, ao se deslocar e romper com o dia a dia, possibilita-se repensar a própria rotina, vista agora com distanciamento. Desta forma, tanto a experiência de peregrinar quanto o próprio cotidiano podem se estruturar como narrativas que serão tecidas, interpretadas e recriadas. Segundo Boglioni, há na peregrinação dois momentos:

O primeiro seria aquele no qual uma pessoa experimenta de modo individual os fatos que sacralizam um lugar (seja um milagre, uma aparição ou uma invenção revelada de alguma relíquia). O segundo é aquele em que tal experiência se transforma em um movimento essencial de emoção coletiva (BOGLIONI Apud CARNEIRO, 2004, p.78).

Nesse sentido, a clássica análise antropológica feita por Victor Turner e Edith Turner (1978; 2008) sobre peregrinação acrescenta-se à crítica ao pensamento sentado, de Baitello Júnior (2012). Ao pesquisar as peregrinações nas sociedades urbanas, mas comparando com épocas e culturas distintas, os Turner as consideram ritos liminares, ou seja, fenômenos propiciadores de uma experiência cuja intensidade provoca uma profunda transformação naquele que a vivencia. A peregrinação, nesta perspectiva, é vista como experiência liminar da vida religiosa, tendo “um caráter de *rito de passagem*, até mesmo de ritual iniciatório” (TURNER, 2008, p.170). O peregrino, ao sair em busca do transcendente, livra-se de estruturas que normalmente o cegam, penetrando no domínio da *communitas*. Esta é vista como um espaço simbólico no qual a hierarquia, as regras sociais e todos os constrangimentos da estrutura são suspensos em favor de uma “relação gerada espontaneamente entre seres humanos totais e individualizados, nivelados e iguais, despidos de atributos estruturais” (IDEM, p. 188). A *communitas* ocorre quando os peregrinos, voluntariamente, aventuram-se por caminhos muitas vezes adversos, proporcionando também o encontro consigo mesmo. “O peregrino torna-se ele mesmo um símbolo total, de

fato, um símbolo de totalidade” (IDEM, p.193). O outro, desta forma, torna-se um convite para a busca de si mesmo.

Na contemporaneidade a peregrinação assumiu características distintas, quer pelas facilidades tecnológicas, quer pelas especificidades que levam o peregrino a buscar caminhos na tentativa de encontrar aventura, amizades, história e a si mesmo. Também se trata de um produto a ser consumido, oferecido por agências especializadas. Inúmeros pesquisadores têm chamado atenção para a recriação de um fenômeno milenar, como é a peregrinação, através da incorporação do turismo, que se torna um mediador da experiência do sagrado.

O site “Central de Peregrinações” (<http://www.peregrinacoes.com.br/>) se expõe com o slogan: “A perfeita união entre fé, cultura e lazer”. Em seu texto de apresentação, a agência promete:

Independente do tamanho do grupo, preparamos todo o ambiente para que você tenha uma experiência individual e ao mesmo tempo coletiva, trazendo para si toda a vibração de milhares de pessoas que como você estão ali para celebrarem o exemplo de vida de cristãos que alcançaram a glória dos altares.

A ênfase recai sobre a experiência, individual e coletiva. E para que esta experiência ocorra, o ambiente está preparado. Já o blog da Canção Nova (<http://blog.cancaonova.com/peregrinacoes/>), que utiliza uma linguagem nitidamente publicitária, não difere substancialmente de qualquer site de agência de turismo, mas anuncia, de modo imperativo: “Venha peregrinar conosco!!! Mais que viagens... Encontros com Deus!”. A Qualitá Turismo, operadora de turismo religioso, fala de forma direta com o seu público, enfatizando a realização de sonhos, uma experiência (o termo é recorrente), mas com segurança e conforto:

Obrigada pela sua visita, este é o primeiro passo para a realização do seu sonho. A Qualitá Turismo está no mercado de turismo brasileiro há mais de 17 anos, com foco no Turismo Religioso. Trabalhamos com o objetivo de proporcionar ao passageiro peregrino segurança e conforto, para que cada um tenha uma verdadeira experiência de cultura e fé (<http://qualitaturismo.com.br>).

A Qualitá traz fotos e depoimentos de pessoas que adquiriram os seus serviços, e utiliza a metáfora da vida como uma viagem, uma passagem de um estado a outro, em busca do sagrado, do retorno a Deus, incluindo uma citação de autoridade (Santo Agostinho):

Neste mundo, todos somos peregrinos, como viajantes em um país estrangeiro, tentando encontrar o caminho de volta para Deus. Santo Agostinho define bem o espírito de “peregrinar” com esta frase de seu livro de Confissões: “Inquieto está o nosso coração enquanto não repousar em Ti”.

A relação entre religião e turismo vai além da comercialização da peregrinação de rotas históricas, como é o caso de Santiago de Compostela, Roma, ou Jerusalém, estendendo-se à invenção ou reinvenção de novos caminhos. No contexto brasileiro, a partir de 2002, aparecem rotas de peregrinação inspiradas no Caminho de Santiago de Compostela. São elas: Caminho do Sol e Caminho da Fé, em São Paulo; Caminho da Luz, em Minas Gerais; Caminho das Missões e Passos de Anchieta, no Rio Grande do Sul.

Segundo Carneiro (2004), no Brasil, centenas de pessoas se deslocam de suas casas para percorrer essas novas rotas, atraídas, sobretudo, pelo poder transformador conferido por elas e pela possibilidade de se preparar para Santiago de Compostela. Ao incorporarem o turismo às peregrinações, unindo lazer, consumo e *marketing*, estas novas rotas são apresentadas “como ‘uma jornada mística, de tradição, lazer, pesquisa, autoconhecimento e esporte’ (Caminho das Missões), ‘de integração do homem com a natureza’ (Fé e Luz), de ‘saúde física e psicológica’ (Fé), ou, ainda, ‘de introspecção e despojamento material’ (Sol)” (STEIL & CARNEIRO, 2008, p.116).

Tudo isso agrega à peregrinação novos sentidos que os associam à “experiência interior de um caminho a ser percorrido pelo indivíduo em direção de seu verdadeiro ‘eu’” (STEIL, 2003, p.32).

A noção ocidental de religião, baseada em uma relação transcendente com Deus, cede espaço para uma concepção imanente, muito próxima às religiões orientais. A peregrinação tradicional, na qual os peregrinos buscavam a transcendência, utilizando seus corpos como instrumentos de penitência e perdão a um Deus que se encontrava além deste mundo, perde espaço a uma jornada na qual Deus está no interior de cada um. “Nesses contextos, as experiências dos sujeitos são os próprios princípios geradores de autenticidade da relação que se estabelece com o sagrado” (STEIL & TONIOL, 2010). Nessas novas peregrinações, os corpos dos peregrinos e da natureza aparecem como lugares privilegiados de contato com o eu e com Deus.

A importância da experiência individual e do corpo, não como expiação, mas como autoconhecimento e revelação, condiz com um movimento cultural difuso e identificado com um tipo de nova espiritualidade, denominada de movimento *New Age*, cujas características são: misticismo reflexivo, holismo, sincretismo, individualismo, alternativismo e ecletismo, abrindo caminho para um tipo de religiosidade pós-tradicional que permite “um espaço para a (re) elaboração permanente da expressividade e da identidade do *self*” (D’ANDREA, 2000, p.71).

Com a busca interior de Deus, muitos peregrinos aventuram-se na experiência por caminhos já conhecidos mediante o contato com narrativas de outros que já vivenciaram estas experiências, ou que, findada a peregrinação, ou mesmo durante a caminhada, sentem a necessidade de relatar o que viveram. O aumento vertiginoso das peregrinações nas sociedades ocidentais, especialmente, a Santiago de Compostela, vai de par com as inúmeras reportagens e publicações de livros que narram a experiência daqueles que vivenciaram a sacralidade do caminho. Paulo Coelho, com seu livro *O Diário de um Mago*, popularizou e difundiu no Brasil e no mundo a peregrinação desta rota. Além deste fenômeno midiático, o caminho de Santiago de Compostela conta com mais de 60 livros escritos, assim como sites, blogs, reportagens e vídeos facilmente acessados na internet. Tal fato aponta à importância da narração midiática como a grande mediadora da experiência dos indivíduos, no mundo contemporâneo. Não apenas há publicações de livros que falam sobre a experiência pessoal da peregrinação, como abundam em sites de associações em todo o país, como as dos amigos de Santiago de Compostela, inúmeros relatos de pessoas sobre suas experiências durante a peregrinação. Esses relatos em sua grande maioria condizem com a perda de autoridade da instituição religiosa, bem como à valorização da experiência e do eu sobre as decisões da vida de cada indivíduo, que o leva a encarar a religião a partir do que o sociólogo Anthony Giddens (2002) tem denominado reflexividade: “o uso regularizado de conhecimento sobre as circunstâncias da vida social como elemento constitutivo de sua organização e transformação” (2002, p.26).

Desta forma, as narrativas de peregrinação outrora passadas apenas por relatos orais através daqueles que realizavam a jornada, ou mobilizadas sob forma de discursos escritos produzidos pelas instituições religiosas, disseminam-se atualmente por intermédio de diversas mídias, que transformam esta prática milenar em um campo de disputas de sentidos, com apropriações heterogêneas. Segundo Steil (2003, p.45), as pesquisas contemporâneas consideram as peregrinações “como arenas onde competem simultaneamente discursos religiosos e seculares, ortodoxias oficiais e interpretações populares de um mesmo código doutrinário, grupos religiosos estabelecidos e seitas proféticas de contestação ao *status quo*”.

Dessa perspectiva, as peregrinações são emblemas da pluralidade de narrativas e sentidos que caracterizam a esfera cultural, de maneira geral. Em um contexto “pós-tradicional da modernidade” (GIDDENS, 2002), no qual o social é religado por meio de experiências mediadas pelas mídias, como é o caso da pletera de narrativas, as

peregrinações também podem ser pensadas como um fenômeno no qual as “pessoas e grupos geograficamente dispersos estabelecem entre si laços identitários que transcendem as questões e preocupações locais” (STEIL, 2003, p.49). Peregrinação, narrativas e experiências se alimentam e atiram com o “problema psíquico pessoal da modernidade tardia” (Giddens, 2002, p.16), que é a sensação de que a vida nada tem a oferecer.

Considerações Finais

Pautando-se em Baitello Júnior, entende-se a peregrinação como uma possibilidade do acontecimento comunicacional emergir, por dar vazão ao acaso, ao imponderável, à surpresa, ao atrito entre corpos, e à ressignificação do próprio corpo, percebido como “póros” em sua tentativa e risco.

A mediação desta experiência com a mídia primária, o corpo, poderia ser traduzida nas narrativas como formas menos perigosas de se ter contato com a peregrinação e os caminhos percorridos, ou, ainda, possibilidades de se recriar e de se tentar entender as experiências vivenciadas.

Para Baitello Júnior, as janelas sintéticas pelas quais peregrinamos significam “recortes de tempo e de espaço, molduras que apresentam experiências e vivências” (p. 52). Acrescenta-se, apoiando-se no autor, que assim como as janelas sintéticas, as narrativas também funcionam como recortes, que ao mesmo tempo que abrem para se enxergar um mundo de possibilidades, limitam, pois é certo que as narrativas, como signos que são, não dão conta de traduzir integralmente o experimentado. Porém, são formas fundamentais para reviver a experiência, traduzindo-a, interpretando-a ou recriando-a, ainda que, do mesmo modo que as janelas sintéticas, domesticuem o mundo com a finalidade de adaptá-lo aos nossos limites:

E o que significa sintetizar o mundo? Significa recriá-lo como brinquedo, domesticá-lo, torná-lo compatível com nosso pequeno e estreito raio de mobilidade. Significa trazer para perto, bem perto, tudo o que é distante. Significa trazer sem trazer, porque o que vem, vem traduzido, recortado, às vezes toscamente colorizado ou desodorizado, domesticado, processado, enfim, simplificado como resultado de um processo de abstração (p. 52).

Sendo assim, as narrativas dos que experimentaram a peregrinação não deixam de ser janelas que recortam, deformando o concreto que será relatado. O peregrino, obedecendo a um contrato com o seu público, busca escrever aquilo que é esperado: destaca aspectos subjetivos da viagem: a beleza sem par do ambiente natural, a introspecção a que se é levado, as emoções sem controle e inexplicáveis que brotam de maneira violenta.

Descrevem as dificuldades superadas. Quase todos falam de um encontro com respostas há muito buscadas e da presença de uma força divina e transformadora.

Aqueles que relatam sua experiência com o caminho, portanto, muito mais do que enfatizar relatos concretos da experiência, aplicam-se em reforçar a ideia de que a peregrinação supõe uma viagem transformadora, ou seja, seguem a um contrato com um leitor-modelo, em que será relatado justamente aquilo que se espera, uma jornada heroica na qual pessoas comuns são as protagonistas, em busca de algo intangível e inexplicável, dar sentido à falta de sentido de uma vida assombrada pela morte, como diria Flusser. Superar o abismo que existe entre o eu e outro, como diria Baitello Júnior. Comunicar (se).

Referências

BAITELLO JÚNIOR, Norval. **O pensamento sentado: sob glúteos, cadeiras e imagens**. São Leopoldo: Unisinos, 2012.

CARNEIRO, Sandra de Sá. (2004), “Novas peregrinações brasileiras e suas interfaces com o turismo”. **Ciencias Sociales y Religión**, (1):71-100.

D’ANDREA, A. **Self Perfeito e a Nova Era**. São Paulo: Loyola, 2000.

DUPRONT Alphonse. **Du sacré**. Paris: Gallimard, 1987.

ECO, Umberto. **Interpretação e superinterpretação**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FLUSSER, Vilém. **O mundo codificado: Por uma filosofia do design e da comunicação**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

JANOTTI JUNIOR, Jeder Silveira. Dos gêneros textuais, dos discursos e das canções: uma proposta de análise da música popular massiva a partir da noção de gênero midiático. In: LEMOS, Andre *et al.* **Narrativas midiáticas contemporâneas**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

LOTMAN, Iuri. **A estrutura do texto artístico**. Lisboa: Estampa, 1978.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Até que ponto, de fato, nos comunicamos? Uma reflexão sobre o processo de individuação e formação**. São Paulo: Paulus, 2004.

MIKLOS, Jorge. **Ciber-religião: a construção de vínculos religiosos na cibercultura**. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2012.

RESENDE, Fernando. O jornalismo e a enunciação: perspectivas para um narrador-jornalista. In: LEMOS, Andre *et al.* **Narrativas midiáticas contemporâneas**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

STEIL, Carlos Alberto. “Peregrinação, Romaria e Turismo religioso: raízes etimológicas e

interpretações antropológicas”. In: E. S. ABUMANSUR. (org.). **Turismo religioso: ensaios antropológicos sobre religião e turismo**. Campinas: Papyrus, p.29-54, 2003.

STEIL, Carlos Alberto; CARNEIRO, Sandra de Sá. “Peregrinação, Turismo e Nova Era: caminhos de Santiago de Compostela no Brasil”. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, 28(1): 105-124, 2008.

TONIOL, Rodrigo; STEIL, Carlos Alberto. Ecologia, nova era e peregrinação: uma etnografia da experiência de caminhadas na Associação dos Amigos do Caminho de Santiago de Compostela do Rio Grande do Sul. **Debates do NER**, Porto Alegre, UFRS, v. 11, n. 17, jan./jun., 2010.

TURNER, Victor & TURNER, Edith. **Image and pilgrimage in Christian culture**. New York: Columbia University Press, 1978.

TURNER, Victor. **Dramas, campos e metáforas: ação simbólica na sociedade humana**. Niterói: Ed. da Universidade Federal Fluminense, 2008.

VILHENA, Maria Ângela. O Peregrinar: caminhada para a vida. In: E. S. ABUMANSUR. (org.). **Turismo religioso: ensaios antropológicos sobre religião e turismo**. Campinas: Papyrus, p.11-28, 2003.

Sites

<http://www.caminhodesantiago.org.br>

<http://blogcancaonova.com/peregrinacoes/>

<http://www.qualitaturismo.com.br>

<http://www.peregrinacoes.com.br>